

CAIM DE JOSÉ SARAMAGO: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO PARA UM LETRAMENTO LITERÁRIO CRÍTICO

Odete Firmino Alhadas SALGADO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho tem como foco contribuir para um letramento literário crítico, a partir da análise do discurso de José Saramago, em sua obra *Caim*, objetivando uma discussão sobre o ensino crítico e reflexivo de literatura no ensino médio. Mais especificamente, observo as possíveis conexões entre relações de poder e recursos linguísticos utilizados no texto. Este trabalho é o um recorte de uma pesquisa maior que investigou as representações de Deus em todo o romance (SALGADO, 2014). Meu enfoque está, agora, na figura de Deus sob a perspectiva do narrador e como as representações e ideologias desse “personagem” se colam às do autor e contribuem para a construção de sentidos do romance. Este estudo tem como bases teóricas a Análise Crítica do Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), propondo uma (des)construção das possíveis ideologias que estejam presentes no texto, e a Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), visto que essa teoria concebe a linguagem como um sistema de construção de significados contextualizados. O alinhamento metodológico se dá com a pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas. Os resultados sugerem que a análise do texto literário com base nas abordagens mencionadas pode contribuir significativamente para a formação de leitores críticos.

Palavras-chave: José Saramago. Análise Crítica do Discurso. Linguística Sistêmico-Funcional. Letramento literário crítico.

CAIM FROM JOSÉ SARAMAGO: CONTRIBUTIONS OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS FOR A CRITICAL LITERARY LITERACY

Abstract: This work focus on contributing to a critical literary literacy, from analysis of the discourse of José Saramago, in his book *Caim*, aiming at a discussion on the critical and reflective teaching literature in high school. More specifically, I see the possible connections between power relations and linguistic resources used in the text. This work is a cutout of a larger survey on the representations of God throughout the novel *Caim* (SALGADO, 2014). My focus is now on the figure of God under the narrator's perspective and how representations and ideologies of this "character" to stick to the author and contribute to the construction of meanings. This study has the theoretical basis to Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), proposing a (de)construction of possible ideologies that are present in the text, and the Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN,

2004) since this theory conceives language as a system of construction of contextualized meanings. The methodological alignment is with qualitative research (DENZIN; LINCOLN, 2006), as a study located in theories of social and interpretative bases. The results suggest that the literary text analysis based on the mentioned approaches can contribute significantly to the formation of critical readers.

Keywords: José Saramago. Critical Discourse Analysis. Systemic-Functional Linguistic. Critical literary literacy.

CAIM DE JOSÉ SARAMAGO: CONTRIBUCIONES DE LA ANÁLISIS CRÍTICO DEL DISCURSO A UM LETRAMENTO LITERARIO CRÍTICO

Resumen: Este trabajo se centra en contribuir a um letramento literario crítico, desde el análisis del discurso de José Saramago, en su libro *Caim*, con miras a una discusión sobre la enseñanza de la literatura crítica y reflexiva en la escuela secundaria. Más específicamente, veo las posibles conexiones entre las relaciones de poder y los recursos lingüísticos utilizados en el texto. Este trabajo es un recorte de un estudio más amplio sobre las representaciones de Dios a lo largo de la novela (SALGADO, 2014). Mi atención se centra ahora en la figura de Dios bajo la perspectiva del narrador y cómo las representaciones e ideologías de este "personaje" se peguen al autor y contribuyen a la construcción de las nuevas direcciones. Este estudio tiene como base teórica para el Análisis Crítico del Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), que propone una (de) construcción de posibles ideologías que están presentes en el texto, y la Lingüística Sistemico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) ya que esta teoría concibe la lengua como un sistema de significados edificio contextualizada. La alineación es metodológica con la investigación cualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), como un estudio situado en las teorías de las bases sociales e interpretativos. Los resultados sugieren que el análisis de texto literario basado en los enfoques mencionados puede contribuir significativamente a la formación de lectores críticos.

Palavras Clave: José Saramago. Análisis Crítico del Discurso. Lingüística Sistemico-Funcional. Letramento Literario Crítico.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa contribuir para as reflexões acerca do ensino de literatura no ensino médio, que, atualmente, pauta-se em um ensino histórico e cronológico de escolas literárias. É necessário refletir: será que esse modelo de ensino de literatura atende uma formação de leitores para um letramento literário crítico? Percebo o letramento literário como um problema para o ensino, pois a escola, em geral, possui dificuldades para formar leitores críticos. Este estudo pretende, portanto, gerar maiores entendimentos sobre essa questão.

Segundo Krause (2013, p. 108), “nos ensinos fundamental e médio, a ênfase no ensino de literatura deve se dar na leitura, buscando-se quantidade e diversidade de gêneros, autores e nacionalidades”. Por que (de)limitar o estudo da literatura a uma determinada linha do tempo e não trabalhar com autores variados, com temas de interesse da turma e com gêneros requeridos pelo contexto social dos alunos? Por exemplo, José Saramago foi um autor politicamente engajado, envolvido em polêmicas ainda contemporâneas e premiado como escritor de destaque, apesar disso pouco aparece em programas escolares e livros didáticos. Dessa maneira, apesar da aparente complexidade das obras do autor, acredito que a teoria linguística pode subsidiar a entrada desses textos na escola para um ensino crítico e reflexivo de literatura.

José Saramago foi vencedor do Prêmio Camões em 1995, que é considerada a premiação mais importante em Língua Portuguesa. Também foi o primeiro (e até então o único) escritor de nossa língua a vencer o Prêmio Nobel de literatura em 1998. Segundo Pereira (2011, p. 19), o autor não só realizou um projeto literário extremamente bem arquitetado, como esse projeto de escrita se articulava fundamentalmente com um projeto de vida. Saramago refletia sobre o seu país, sobre toda a civilização ocidental; pensava sobre as bases de pensamento judaico-cristãs e questionava o próprio homem. Toda a relevância da obra do autor está na ampla reflexão crítica que fez sobre todos os temas que se propôs a escrever. Por isso, uma leitura crítica de sua obra, em um contexto escolar, se faz relevante, observando a construção de sentidos produzida pelo autor.

A disciplina que é responsável pelo ensino de literatura no ensino médio acaba por distanciar o aluno do contato com a materialidade do texto para, muitas vezes, ensinar estilos de época, características de um autor e história da literatura. Em geral, a análise crítica do texto é posta de lado e os alunos leem as obras em casa, como livros paradidáticos. Uma proposta que enfatize a leitura dos textos em sala de aula recupera o contato do aluno com a obra de ficção (ZILBERMAN, 2013, p. 226). Em termos metodológicos, isso se traduz, por exemplo, na diversificação dos gêneros a serem trabalhados, na incorporação de contribuições teóricas e no banimento da descontextualização das obras, dentre outras estratégias (DALVI, 2012, p. 37-38).

Como é possível contribuir para que alunos do ensino médio possam ler textos com complexidade aparentemente maior, se uma das práticas mais comuns no trabalho com literatura, segundo Rezende (2013, p. 101), é solicitar “seminários sobre autores e obras cujo cronograma igualmente segue a linha do tempo da história da literatura nacional e a do antigo colonizador”? Cosson (2014, p.21) corrobora essa questão, mostrando que, no ensino médio, o ensino da literatura limita-se à história da literatura brasileira, quase como apenas uma cronologia literária. O ensino de literatura trata o texto de forma superficial sem olhar todas as suas nuances de sentido. Acredito que essas práticas tornam recorrente a dificuldade de formar leitores críticos.

É necessário refletir porque a escola mantém práticas de ensino como as citadas acima, se seu objetivo maior é formar leitores proficientes, reflexivos e cidadãos atuantes de fato. Segundo Cosson (2014, p. 20), para muitos estudiosos e professores, a literatura só continua a ser estudada na escola por força da tradição e da inércia curricular. Para essa tradição, o ensino da literatura serve a dois propósitos básicos: ensinar a ler e a escrever e formar culturalmente o indivíduo, entretanto, essas práticas refletem a falência do ensino de literatura. Falta um objeto próprio de ensino, que, em minha concepção, é texto como materialização dos significados criados pelo escritor. É necessário se desprender dos programas curriculares escritos a partir de uma noção conteudística de um ensino histórico para que a escolarização da literatura não se torne um simulacro de si mesma (COSSON, 2014, p. 23).

O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma análise crítica da obra *Caím* de José Saramago, utilizando o embasamento da Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, (FAIRCLOUGH, 2003); e uma análise textual com o enquadramento da Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que possibilite contribuir para a reflexão sobre o letramento literário crítico no ensino médio (COSSON, 2014). Creio que esta análise pode servir como uma proposta de mudança, no sentido que ultrapassa o simples consumo do texto (COSSON, 2014, p. 47) e aprofunda o olhar crítico diante da obra literária. Este artigo é parte de uma pesquisa maior, que investigou as representações de Deus neste romance de Saramago (SALGADO, 2014). Neste recorte, meu enfoque está na figura de Deus sob a perspectiva do narrador e como as representações e ideologias desse “personagem” se colam às do autor e contribuem para a construção de sentidos no romance.

LETRAMENTO LITERÁRIO: PERSPECTIVA CRÍTICA E SOCIOSEMIÓTICA

Segundo Cosson (2014, p. 11-12), o letramento se trata não da aquisição da habilidade de ler e de escrever, como era concebido usualmente no processo de alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão relacionadas a ela. Em nossa sociedade essencialmente letrada, uma pessoa analfabeta participa de processos de letramento. Por exemplo, um indivíduo pode não saber ler e escrever, no entanto possuir alto grau de letramento em seu ofício, em sua prática social. O grau de letramento depende das necessidades pessoais ou das demandas sociais. Letramento literário seria, então, o processo de letramento que se faz via textos literários, abrangendo sua dimensão social, de forma a assegurar seu efetivo domínio (COSSON, 2014, p. 12).

Compreendo esse processo de letramento literário como crítico, pois o uso da língua é social e uma de suas materializações é o discurso literário¹, que constitui-se como uma prática social inserida em nossa sociedade. Segundo Cosson (2014, p. 47), a literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser alcançado e analisado criticamente pelo aluno. Cabe ao professor despertar e fortalecer essa dimensão crítica e reflexiva, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. De acordo com Cosson (2014, p.40), ainda, ler é uma prática social, é uma interação entre autor e leitor mediada pelo texto.

Por vezes a literatura acaba se tornando um mistério, algo inacessível cuja iniciação está fora de alcance (COSSON, 2014, p. 11). Isso se dá, talvez, pela forma como ela é retratada, em um ensino que não se preocupa com a materialidade do texto, tampouco em fazer com que o aprendiz produza conexões que façam sentido em sua vida. Dessa forma, uma abordagem do texto baseada na ideia de um letramento literário crítico, isto é, de um olhar mais aprofundado para o texto, mostra sua relevância. Como dito anteriormente, creio que a análise crítica e a análise textual com base nas teorias supracitadas possam fornecer subsídios teóricos para um ensino de literatura mais contextualizado, que leva em consideração o texto e as possíveis construções de significado interpretados de forma reflexiva.

¹ Entendo discurso literário não como a designação do fenômeno literário, mas como a produção de significados que abrange questões ideológicas, contextuais e a própria materialidade do texto literário do autor. O discurso literário é uma prática social que constrói representações e relações em uma mensagem textualmente organizada.

Segundo a perspectiva da ACD, a linguagem é parte irreduzível da vida social, que é uma rede interconectada de práticas sociais de diversos tipos, todas com um elemento semiótico (FAIRCLOUGH, 2012 [2005], p. 308). Fairclough, ao utilizar o termo “discurso”, considerava a dialética entre linguagem e sociedade. O discurso é moldado pela estrutura social e é parte constitutiva dela. Então, é possível pensar no discurso literário como uma prática social, pois considero a literatura um modo de ser e de estar no mundo. Isso significa que a ficção é uma forma de representar nossa realidade e nossa experiência interna e externa sobre o mundo, é uma forma de troca e é um modo de organização da própria mensagem. O discurso literário faz parte da nossa vida social, é produzido em um tempo-espaço situado, é moldado por estruturas sociais e relações de poder, e, além disso, é uma produção ativa dos sujeitos no mundo. Portanto, uma análise crítica e reflexiva se faz relevante, pois a ACD compreende o discurso como um modo de ação no mundo, historicamente situado.

Entendo que a análise do discurso literário também deve assumir uma perspectiva sociosemiótica de linguagem, pois o texto é a própria linguagem em uso. Os significados construídos pelo autor estão intimamente ligados ao seu contexto de produção e circulação da obra, i.e., o texto só acontece em seu ambiente social. Sendo assim, a LSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), teoria que concebe a linguagem como um sistema de construção de significados, vem de encontro a ACD, de forma a torná-la linguisticamente orientada. Segundo Fairclough (2012 [2005], p. 313), a LSF analisa a língua, levando em consideração que ela (mesmo em sua gramática) é modelada pelas funções sociais a que tem serventia.

Em conjunto, é preciso levar em consideração que os textos são perpassados por relações de poder e hegemonia, por isso uma das preocupações da ACD é investigar como a linguagem é utilizada para manter ou desafiar essas relações no mundo contemporâneo (MEURER, 2005, p. 82). Segundo Fairclough (2003), as ideologias são, a princípio, representações que podem ser legitimadas na ação social e inculcadas nas identidades de agentes sociais. Ideologias são significações ou construções da realidade que se dão em várias dimensões da prática discursiva e que contribuem para a produção, para a reprodução ou para a transformação das relações de dominação.

Essa compreensão da ideologia está baseada na formulação de gêneros, discursos e estilos como as três principais maneiras por meio das quais as semioses figuram em práticas sociais: para agir e interagir, para representar as coisas do mundo e para identificar a nós mesmos e os outros (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 53). Esses modos de figuração das semioses estão relacionados aos seus significados (acional, representacional, identificacional), propostos por Fairclough (2003), em seu modelo mais recente, em que o autor recontextualiza a Gramática Sistêmico-Funcional de acordo com seus propósitos analíticos.

Desse modo, o enfoque deste trabalho está no significado representacional, que está relacionado ao conceito de discurso como forma de representação de aspectos do mundo. Diferentes discursos são diferentes perspectivas, que projetam diferentes possibilidades da “realidade” e relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com determinado ponto de vista. Para Resende e Ramalho (2006, p. 72), a identificação de um discurso em um texto cumpre duas etapas: primeiro a identificação de que partes do mundo está sendo representada (os “temas” centrais); e, posteriormente, a identificação da perspectiva particular pela qual esse mundo (ou tema) está sendo representado. Por exemplo, no texto de Saramago, é possível identificar, por meio da leitura, que seu tema estruturador é a ideia de Deus. Contudo, qual é a maneira particular do autor, que pode ser evidenciada pelos traços linguísticos, de realizar esse discurso e de que forma ele se torna ideológico?

O conceito de ideologia, na ACD, nasce dos estudos de Thompson (1995), que postula que sua natureza é hegemônica, no sentido de que, necessariamente, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, reproduz a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Para o autor (1995), o conceito de ideologia é, inerentemente, negativo (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.49). Dessa maneira, a ACD está interessada em como as ideologias são (des)construídas nos textos que integram as práticas sociais e, além disso, intervir de algum modo na sociedade, a fim de desvelar as relações de dominação.

Segundo José Saramago, em entrevista a Carlos Reis em 1998, “a literatura pode viver até de uma forma conflituosa com a ideologia. O que não pode é viver fora dela” (AGUILERA, 2010, p. 184). Se a literatura não vive fora da ideologia, isto é, se toda literatura é engajada, é possível concluir que o autor era, talvez, influenciado por suas próprias ideologias ao produzir

seus textos. Logo, é necessário considerar, nesta análise, quais recursos linguísticos foram utilizados, ao criar uma representação de Deus, de forma a reafirmar ou negar ideologias hegemônicas.

Saramago utilizava sua escrita “para se pôr a serviço da investigação nas zonas obscuras da História, do ser humano e dos mecanismos de poder, de controle ideológico e de injustiça que condicionam nosso entorno, determinando o sentido da nossa vida” (AGUILERA, 2010, p. 13). Segundo o próprio Saramago, em entrevista a Juremir Machado da Silva em 1989, sua literatura refletia suas posturas ideológicas, porém não era um panfleto (AGUILERA, 2010, p. 344). O autor, inclusive, expressou a convicção de que, quanto menos se nota a mensagem ideológica em sua obra literária, melhor para essa obra e melhor para a própria ideologia, parafraseando Engels e ampliando sua concepção de cunho político (AGUILERA, 2010, p. 356-357).

Na obra de José Saramago, vejo que é oportuno observar como as ideologias permeiam o discurso, caso elas apareçam, visto que o próprio autor declarou não estar isento delas. É preciso observar se essas ideologias estariam reforçando as forças hegemônicas ou se o autor utiliza os recursos ideológicos para, de certa forma, ir contra a corrente, desafiando as relações de poder contra as quais lutava em vida. Este trabalho pretende lançar um olhar em como a ideologia perpassa o texto de Saramago a partir da perspectiva do narrador, que sempre foi um grande impasse em sua escrita.

O NARRADOR-AUTOR DE SARAMAGO

Há um vasto número de estudos sobre o narrador na literatura. Segundo Salgado (2014, p. 57), a distinção primordial realizada é entre o narrador em primeira pessoa (protagonista ou personagem secundário) e o narrador em terceira pessoa (onisciente). Todos eles, necessariamente, “seres de papel” na concepção de Barthes (1966, p. 48), uma pessoa diferente da pessoa do autor, construída no discurso literário para contar a história. No entanto, o papel exercido pelo narrador sempre foi um grande impasse para Saramago, que questionava essa distinção entre narrador e autor.

Para o escritor, aceitar essa diferenciação seria abdicar da responsabilidade por aquilo que escrevia. Saramago afirmou, ainda, que a figura do narrador não existiria, e que, de fato, só o autor exerceria a função narrativa real na obra de ficção (SARAMAGO, 1998, p. 29). Em entrevista a Christian Kupchik, Saramago deixa claro seu empenho em “apagar o narrador para deixar que o autor se apresente sozinho”. Para ele, “o autor se expressa por si mesmo, e não através dessa espécie de tela que é o narrador”. Existe um narrador onisciente, que pode ser substituído por um autor onisciente (SARAMAGO, apud AGUILERA, 2010, p. 222-223). O narrador se torna um personagem a mais em uma história que não é a dele (SARAMAGO, *idem*).

Saramago atribuía a si mesmo a responsabilidade da elocução, porque sua obra conteria, na verdade, uma pessoa que, por direito, corresponde ao próprio escritor de carne e osso, único dono da história que se conta (AGUILERA, 2010, p. 219). O autor português, além de reservar para o narrador um papel de personagem dentro da história, afirmava que o narrador era ele mesmo. Desse modo, o autor-narrador se transforma numa figura central, vigorosa e totalizadora nos romances de Saramago. Ele escrevia para dizer quem era e, por isso, não se deve estranhar que a instância do autor-narrador surja em cada uma de suas obras como uma potente maquinaria capaz de marcar tanto o caráter da ficção como sua própria personalidade literária (AGUILERA, 2010, p. 219).

O narrador de Saramago é capaz de reordenar subjetivamente a temporalidade, de interferir no curso do relato mediante digressões maiores, de se sobrepor às lógicas da continuidade espacial, de interpelar o leitor e estabelecer cumplicidades com ele. Esse narrador pode, adicionalmente, discordar ou opinar sobre os fatos narrados e governar as criaturas de suas obras, sendo o administrador de um conhecimento que transborda tanto a cronologia como a informação estrita dos acontecimentos referidos (AGUILERA, 2010, p. 219-220).

Segundo Pinto (2010, p. 62), o autor escreve para se opor a esse discurso do “poder”. Entretanto, o discurso desse “contra-poder” é em si mesmo um discurso “dirigido”, detentor de “verdades”. Interessa-me observar, neste recorte, como Saramago utiliza o narrador como um recurso para (des)construção de ideologias. É importante destacar que essa análise crítica e

reflexiva se faz relevante em um contexto educacional, em que os alunos podem observar qual a função do narrador na condução da narrativa e não permanecer em uma mera classificação do tipo do foco narrativo e da pessoa do narrador.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A (DES)CONSTRUÇÃO DE IDEOLOGIAS EM *CAIM*

O alinhamento metodológico deste trabalho se dá com a pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas e por propor um olhar crítico em relação ao discurso literário selecionado para a análise. Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), os pesquisadores, em geral, estudam as coisas em seus contextos, tentando interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem.

Para compor o corpus deste trabalho selecionei o romance *Caim* do escritor português José Saramago, que figura como exemplar de análise. Esse romance foi escolhido, dentre outras questões, pelo engajamento do escritor em uma temática religiosa e, ainda, por questões de ordem prática, como a presença, de forma explícita, do personagem Deus na obra. Nesse livro, Saramago reescreve episódios bíblicos do antigo testamento por meio do ponto de vista do narrador e do personagem-título, Caim.

Por trazer um longo texto para análise, como um romance, o corpus selecionado para o estudo contou com o auxílio tecnológico para sua compilação e delimitação de trechos para análise. O procedimento de geração de dados por meio do programa WORDSMITH TOOLS (SCOTT, 1999)² auxiliou na organização dos excertos a serem analisados de modo a facilitar o seu levantamento (SALGADO, 2014, p. 49). Dessa forma, para empreender esta análise foram seguidos alguns passos baseados em uma metodologia qualitativa:

1. Percepção do problema social em relação ao ensino de literatura no ensino médio e na formação de leitores para um letramento literário crítico;

² O programa de análise lexical WORDSMITH TOOLS é frequentemente utilizado na Linguística de Corpus, contudo, é importante ressaltar que não há alinhamento desta pesquisa com a área em sua base teórica.

2. Identificação das práticas que, em geral, compõem o ensino de literatura no ensino médio como obstáculos na resolução do problema e reflexão sobre a razão para a manutenção dessas práticas;
3. Percepção de que a ACD (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) e a LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) podem subsidiar a leitura dos textos na escola como uma proposta de mudança;
4. Seleção do romance *Caim* de José Saramago como exemplar de análise;
5. Identificação, por meio de leitura do romance, dos itens lexicais que representam o ator social Deus ao longo da obra (“Deus” e “Senhor”).
6. Geração de uma lista de concordância por meio do WORDSMITH TOOLS (SCOTT, 1999) para visualização dos cotextos relativos ao ator social selecionado;
7. Análise das representações da ideologia presentes nos discursos, observando suas possíveis (des)construções a partir do ferramental proposto por Thompson (1995, apud RESENDE; RAMALHO, 2006).
8. Geração de entendimentos: como levar *Caim* para a sala de aula, propondo um letramento literário crítico com base nas teorias utilizadas para análise?
9. Reflexão sobre a análise: como este estudo contribui para uma emancipação social?; E quais lacunas ele deixa para estudos posteriores?

Para a análise dos dados utilizo o arcabouço teórico- metodológico de Thompson (1995). Segundo Resende e Ramalho (2006, p.52-53), esse ferramental permite analisar linguisticamente as construções discursivas revestidas de ideologia. Thompson (1995) estabelece cinco modos de operação da ideologia³: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Esses modos determinam várias estratégias de construção simbólica que podem ser observadas textualmente, como veremos nas análises a seguir. (THOMPSON, 1995 apud RESENDE; RAMALHO, 2006, p.52).

Sendo assim, a análise crítica aqui proposta visa à (des)construção das ideologias presentes no discurso do narrador de *Caim* e como as representações e ideologias desse “personagem” se colam às do autor e contribuem para a construção das representações de

³ Por questão de espaço, não explicitarei nesta seção todos os modos de operação da ideologia e as estratégias utilizadas na construção simbólica, mas ao longo da análise, quando necessário.

Deus no romance de José Saramago. Essa análise também é textual, pois utiliza o embasamento da LSF, observando como Deus é representado no discurso. Minha proposta é refletir sobre o ensino de literatura e como as teorias servem como base para uma leitura crítica do texto em sala de aula. Essa é uma possibilidade de promover uma contribuição dos estudos do discurso para o ensino de literatura.

Segundo Cosson (2014, p. 41), interpretar um texto é negociar o sentido em um diálogo que envolve o autor, o leitor e a sociedade, tendo como limite o contexto. Sendo assim, o contexto é essencial para a leitura de qualquer texto. Grande parte da obra de José Saramago apresenta o claro engajamento do escritor na temática religiosa por trabalhar constantemente com a representação do divino. O escritor dedicou muitas de suas páginas para um personagem Deus e, apesar de sempre se declarar ateu, estabeleceu um diálogo entre literatura e religião.

É importante realçar que o ateísmo (ou qualquer possibilidade de crença) do autor não é o fator que imprime maior interesse em sua obra, mas sim a temática constante e a visível importância que a ideia de Deus exerce em sua literatura. Creio que esse tema, geralmente qualificado como polêmico, não deve ser excluído da escola, ao contrário, precisa obter espaço nas aulas de literatura, de modo que os alunos possam realizar leituras críticas e reflexivas, observando como o autor constrói significados. Toda obra literária é, antes de tudo, texto e, por isso, deve ser entendida como discurso.

O ateísmo do autor, entretanto, é um ponto de destaque no contexto de produção da obra. Saramago era um ateu combatente, no sentido de que era contra qualquer ideia de divindade. Sua relação com a Igreja Católica, instituição religiosa oficial de seu país natal, se tornou conflituosa e o escritor português foi impedido de participar do Prêmio Literário Europeu, em 1992, por causa da obra “O evangelho segundo Jesus Cristo”. Para o autor, no plano da mentalidade somos todos cristãos, pois vivemos dentro de uma civilização judaico-cristã que foi formada com um tipo de ética, uma rede ideológica que tem sua origem no cristianismo (SARAMAGO, apud AGUILHERA, 2010, p. 121).

Na LSF, o contexto se dá em dois níveis: o contexto de cultura (considerado o ambiente sociocultural mais amplo) e o contexto de situação (variações de linguagem mais particulares dentro de cada cultura). Dessa forma, as relações do autor com a Igreja Católica, o modelo de pensamento ocidental de base cristã no qual o texto está inserido e o próprio modelo do pensamento humano, que representa suas divindades desde os tempos mais remotos fazem parte do contexto de cultura de sua produção literária (SALGADO, 2014, p. 26).

Em *Caím*, percebo que os fatos da criação são narrados com muita ironia. No excerto 1, em grande intertextualidade com o texto bíblico, o narrador-autor conta que Deus percebe um erro em sua criação e fica irritado, pois o fato demanda conserto. Saramago legitima o fato de Deus ser superior aos seres humanos, pois ele os criou. Para mostrar essa relação de dominação como legítima, José Saramago utiliza a estratégia da racionalização, construindo uma cadeia de raciocínio para justificá-la. Se Deus criou a humanidade, logo está acima dela.

Contudo, essa representação do Deus que erra e do Deus que se irrita se distancia de uma imagem do Deus cristão soberano, transcendente e misericordioso. Creio que Saramago recontextualiza essa representação, utilizando os processos mentais relacionados à cognição (apercebeu) e à percepção (ficar irritado) atribuídos a um experienciador incomum. O autor lança mão desse recurso para criticar, de certa forma, o Deus cristão. Saramago estaria, em minha compreensão, desconstruindo um modo de operação pela dissimulação, que sustenta ideologias ofuscando ou negando pontos de instabilidade. O autor pretende mostrar essa instabilidade da representação de um Deus onipotente, onisciente e benevolente. É interessante observar que a estratégia de construção simbólica de deslocamento é utilizada, nesse caso, para desconstrução da ideologia religiosa.

Excerto 1

“Quando o **senhor**, também conhecido como **deus**, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos em tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia mais ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta (...)” (SARAMAGO, 2009, p. 9).

No excerto 2, novamente percebo a relação de poder estabelecida entre o Deus soberano que aceita ou rejeita uma oferenda de seus filhos. Deus figura como aquele que

divide seus filhos ao aceitar ou não suas oferendas, colocando-os em hierarquias de poder. O modo de operação da ideologia que Thompson (1995) classifica como fragmentação aparece nesse excerto, em que o autor utiliza a ideia da segmentação de indivíduos ou grupos que podem representar alguma ameaça ao grupo dominante. Nesse caso, a ideologia dominante é o próprio personagem Deus, que representa toda uma ideia religiosa contra a qual o autor era combatente. O narrador-autor representa Deus como aquele que diferencia seus filhos, destacando sua predileção por Abel e marcando, reiteradamente, por meio dos processos mentais (rejeitava, desdenhava), sua aversão à Caim. O autor usa a estratégia da diferenciação, destacando as diferenças entre as pessoas e reforçando as características que os desunem, reiterando que Deus é a ideologia hegemônica e, como diz Thompson (1995), ela é negativa.

Excerto 2

“O fumo da carne oferecida por Abel subiu a direito até desaparecer no espaço infinito, sinal de que o **senhor** aceitava o sacrifício e nele se comprazia, mas o fumo dos vegetais de Caim, cultivados com um amor pelo menos igual, não foi longe, dispersou-se logo ali, a pouca altura do solo, o que significava que o **senhor** o rejeitava sem qualquer contemplação. (...) Estava claro, o **senhor** desdenhava Caim” (SARAMAGO, 2009, p. 33).

É essa fragmentação, a diferenciação que Deus faz entre seus filhos, que resulta no assassinato de Abel por Caim. O personagem-título, por sua vez, compartilha essa culpa com Deus, pois fora preterido por ele. No excerto 3, o narrador aparece dotado de muitas opiniões a respeito dos fatos narrados e sobre os personagens da história. Dessa forma, é possível perceber a intencionalidade na narrativa, ou seja, o claro posicionamento do narrador, que narra os fatos para justificar sua opinião (SALGADO, 2014, p. 57). Saramago, portanto, utiliza novamente o deslocamento de modo a desconstruir a ideologia religiosa do Deus cristão. No julgamento do narrador, o Deus representado é aquele que engana e que faz escolhas ruins. Por meio de metáforas, o narrador diz que Deus não só enganou Abel, a quem tinha preferido anteriormente, mas falhou com toda a humanidade ao dizer que no “jogo da roleta posto a correr todos tinham perdido” e “no tiro ao alvo de cegos ninguém havia acertado”.

Excerto 3

“Pobre Abel, a quem **deus** tinha enganado. O **senhor** havia feito uma péssima escolha para a inauguração do jardim do Éden, no jogo da roleta

posto a correr todos tinham perdido, no tiro ao alvo de cegos ninguém havia acertado” (SARAMAGO, 2009, p. 36).

No excerto 4, o narrador-autor representa Deus como aquele em quem não se pode confiar. Na cena do sacrifício de Isaac (cf. fragmento abaixo), percebo que o autor utiliza a racionalização, em que uma cadeia de raciocínio da onipotência divina é usada para legitimar um conjunto de ações realizadas pela divindade. O narrador-autor desconstrói essa legitimação de que Deus tudo pode, tudo provê e, desse modo, salvaria Isaac no momento certo. Em nossa narrativa literária, quando os planos de Deus não dão certo e o anjo do senhor chega tarde demais, quem salva Isaac é Caim. Saramago começa seu projeto de destituir a imagem de Deus de traços de bondade, mostrando suas falhas e culpas. Projeto que se inicia desde que o senhor assume parte da culpa pelo assassinato de Abel. É possível dizer que o autor realiza uma fragmentação da representação de Deus. Se a humanidade não pode confiar em Deus, seu criador, é construído simbolicamente um inimigo a quem se deve combater. Thompson (1995) chama essa estratégia de expurgo do outro.

Excerto 4

“O pai, chamou o moço, e logo uma outra voz, de adulto de certa idade, perguntou, Que queres tu, isaac, Levamos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o sacrifício, e o pai respondeu, O senhor há-de prover, o senhor há-de encontrar a vítima para o sacrifício. E continuaram a subir a encosta. Ora, enquanto sobem e não sobem, convém saber como isto começou para comprovar uma vez mais que o **senhor não é pessoa em quem se possa confiar**” (SARAMAGO, 2009, p. 78).

O discurso do narrador-autor é marcado por uma forte crítica em relação ao caráter de Deus. É possível observar que, ao narrar os fatos, ele pretende demonstrar seu ponto de vista. No excerto 5, o narrador é irônico ao concluir sobre a divisão dos espólios de guerra e representa Deus como aquele que acumula riquezas (“guarda livros”, “rápido em cálculo mental” e “rico”). Saramago, por meio do narrador, desconstrói mais uma vez o discurso hegemônico do Deus cristão, que é provedor de bens e que é bom para a humanidade. Creio que a crítica se estende, aqui, para o pagamento do dízimo e qualquer outro tipo de doação realizada às instituições religiosas. Saramago traz essa representação como negativa, corroborando a ideia de que Deus é pessoa em quem não se pode confiar e construindo uma nova ideologia – uma ideia de Deus “ao avesso” da que conhecemos e que é nosso inimigo. O

autor-narrador utiliza o expurgo do outro para construir essa ideia da fragmentação e, assim, enfraquecer a imagem da divindade.

Excerto 5

“Como fica sobremaneira demonstrado, o **senhor**, além de estar dotado por natureza de uma excelente cabeça para guarda-livros e ser rapidíssimo em cálculo mental, está o que se chama rico” (SARAMAGO, 2009, p. 107).

Saramago pretende mostrar, em meu entendimento, que Deus não é bom, misericordioso ou inocente e possui sua parcela de culpa nos atos humanos. No excerto 6, o personagem Deus é delineado pelo narrador-autor, agindo de forma violenta (é aquele que ordena o sacrifício, que deita abaixo uma torre, que fez cair enxofre sobre uma cidade), reiterando seu caráter negativo, talvez até mesmo mau. Saramago legitima a existência de um Deus, que está em uma relação de poder acima da humanidade. Contudo fragmenta esses dois grupos, mostrando que, sim, Deus existe e precisa ser combatido. Para combater esse Deus hegemônico cristão, Saramago cria outra ideia de Deus, que é o Deus representado no texto pelo narrador-autor.

Excerto 6

“Então caim contou a lilith o caso de um homem chamado abraão a quem o **senhor ordenara** que lhe sacrificasse o próprio filho, depois o de uma grande torre com a qual os homens queriam chegar ao céu e que o **senhor** com um sopro deitou abaixo, logo o de uma cidade em que os homens preferiam ir para a cama com outros homens e do castigo de fogo e enxofre que o **senhor tinha feito cair** sobre eles sem poupar as crianças, que ainda não sabiam o que iriam querer no futuro (...)” (SARAMAGO, 2009, p. 127-128).

No excerto 7, o narrador-autor novamente é irônico ao tratar das incumbências divinas. Deus não foi à comemoração da conclusão da arca de Noé porque deveria checar o sistema hidráulico do planeta. Os atos de Deus são revestidos por uma espécie de comicidade, utilizada pelo autor como mais uma das formas de dessacralizar sua imagem (SALGADO, 2014, p. 62). O narrador coloca Deus em uma posição de trabalhador braçal, distanciando a sua imagem da ideia de um Deus soberano e transcendente, ou seja, deslocando essa representação do Deus cristão hegemônico. Mais uma vez, o autor usa a dissimulação não para reforçar uma relação

de dominação, mas para desconstruí-la. O discurso cômico e irônico, em meu ponto de vista, faz parte do projeto do autor para destituir a divindade de seu lugar superior à raça humana.

O próprio Deus, segundo nosso narrador-autor, não se sente como um Deus. O narrador assume que ele sente, i.e., assume seu caráter humanizado. Penso que humanizar Deus é aceitar que ele pode falhar do mesmo modo que os seres humanos são falhos. Isso pode, de certa forma, atenuar a investida que é feita contra essa personagem; ao mesmo tempo, humanizar Deus também é o atacar, pois é tirá-lo de sua posição de superioridade em relação aos seres humanos (SALGADO, 2014, p. 63). É possível ver, adicionalmente, a estratégia de deslocamento em relação aos sentimentos de Deus. O Deus cristão, ideologia hegemônica, sente amor para com seus filhos em uma relação de poder já estabelecida. Saramago descontrói essa dissimulação, a partir da construção de um Deus que não se sente Deus, que é tão humano quanto nós mesmos.

Excerto 7

“**Deus** não veio ao bota-fora. Estava ocupado com a revisão do sistema hidráulico do planeta, verificando o estado das válvulas, apertando alguma porca mal ajustada que gotejava onde não devia, provando as diversas redes locais de distribuição, vigiando a pressão dos manômetros, além de uma infinidade de outras grandes e pequenas tarefas, cada uma delas mais importante que a anterior e que ele só, como criador, engenheiro e administrador dos mecanismos universais, estava em condições de levar a bom termo e confirmar com o seu sagrado ok. (...) Em horas assim sentia-se menos como um **deus** que como contramestre dos anjos operários” (SARAMAGO, 2009, p. 161).

Em toda a obra, a representação de Deus é reificada por meio dos processos de naturalização e eternalização. Na reificação, uma situação transitória é dada como permanente. Percebo que, apesar de Saramago construir um Deus que vai contra a ideologia cristã, ela ainda está presente, pois a própria existência de uma divindade garante que ele seja eterno. Todo ser humano que vive em uma determinada sociedade acredita ou não em alguma forma de representação de uma divindade, assim a ideia de Deus é naturalizada. Saramago descontrói mais uma vez essa ideologia presente em nossas práticas sociais ao fazer com que Caim acabe com a possibilidade de recriar a humanidade na arca de Noé ao matar todos as pessoas.

Metaforicamente, o autor nos diz que, se não há humanidade para acreditar em Deus, ele não pode existir, então deixa de ser eterno e permanente. No excerto 8, o narrador-autor explicita a ideia de que Caim fez tantas vítimas porque não podia matar o próprio Deus. Essa ideologia religiosa cristã não pode ser considerada permanente com essa quebra de expectativa, que é a mudança da história baseada no Antigo Testamento. Em intertextualidade com o texto bíblico, é necessário esse conhecimento extralinguístico (que está fora da obra literária), para que a quebra da ação ideológica tenha o efeito esperado.

Excerto 8

“Caim debate se com a sua raiva contra o senhor como se estivesse preso nos tentáculos de um polvo, e estas suas vítimas de agora não são mais, como já Abel o tinha sido no passado, que outras tantas tentativas para matar deus” (SARAMAGO, 2009, p. 169).

José Saramago escreve contra a ideia de Deus e utiliza todos os artifícios possíveis para atacar suas representações feitas pela humanidade ao longo do tempo, principalmente a representação que corresponde ao Deus cristão. O narrador se torna um ativista em combate contra Deus (SALGADO, 2014, p. 57-58). Contudo, percebo que, para combater e desconstruir uma ideologia hegemônica religiosa cristã, Saramago caminha para outro extremo, criando outra ideologia hegemônica do Deus mau, vingativo, cruel, que a tudo destrói. Uma ideologia do ateu combatente que usa a própria representação do divino para derrubá-lo. Desse modo, a ideologia opera no texto por meio da fragmentação entre humanidade e divindade, em que o narrador-autor usa a estratégia do expurgo do outro para construir a ideia simbólica de que Deus é o inimigo que devemos combater. Saramago ainda faz uso da estratégia de deslocamento, atribuindo a Deus uma representação daquele em quem não se pode confiar, daquele que sente que não é Deus. Essa pode ser uma tentativa de desconstruir as ideologias hegemônicas que estariam ocultadas na imagem do Deus cristão.

Como disse anteriormente, acredito que temas considerados polêmicos devem ganhar espaço na sala de aula, pois a escola pode e deve ser um espaço para formação do aluno como um todo, como um cidadão. Um espaço para falar sobre diferenças e respeito, incluindo as religiosas. Outra questão é que as obras literárias devem ser analisadas como texto. Penso que é necessário que os alunos possam ter contato com uma variedade maior de obras e realizar leituras críticas, incluindo o autor José Saramago que faz uma crítica a ideologia religiosa. Olhar

o texto pelas lentes da LSF e da ACD pode ser um grande auxílio para professores, pois pode contribuir significativamente para a formação de leitores críticos. O que proponho não é o ensino de metalinguagem das teorias mencionadas, mas o entendimento de como as teorias podem embasar a prática em sala de aula ao mostrar para os alunos como as ideologias foram construídas e desconstruídas pelo autor, na voz do narrador, e como o contexto de produção da obra é relevante para compreendê-la.

Por exemplo, ao levar em consideração as afirmações de Saramago sobre a figura do narrador, é possível perceber que as opiniões dele e a representação de Deus pretendem, de fato, desconstruir a ideologia hegemônica religiosa contra a qual o autor combatia em vida. Saramago usa o narrador para expressar sua própria voz. Reiterando o que disse Pinto (2010, p. 32), ao se opor ao discurso do “poder”, representado, aqui, por uma ideologia religiosa, Saramago cria um discurso do “contra-poder”, que é, em si mesmo, “detentor de verdades”. É oportuno mostrar essa função do narrador em uma aula de literatura, saindo da mera classificação para refletir com os alunos o papel do narrador no discurso literário, quando o narrador se descola da figura do autor e como entender sua função a partir do contexto da obra. É essa (des)construção do texto que pode nos levar a proporcionar um letramento literário crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como foco a análise do discurso literário a partir de uma perspectiva sociosemiótica de linguagem, ou seja, observando a interação desses textos com seu contexto social para criação de significados, para que eles possam ser trabalhados de forma crítica e reflexiva no ensino de literatura no ensino médio. Essa análise é importante para o ensino, pois permite aos alunos uma reflexão crítica sobre obras contemporâneas.

Discuti o atual ensino de literatura como um problema social. Muitas vezes, ensinamos história da literatura como se fosse a própria literatura e como se o contexto de produção da obra fosse necessariamente a obra. Entretanto, para que o letramento literário crítico aconteça de forma efetiva, é necessário um olhar mais atento para o texto e suas nuances de sentido. Acredito que a análise textual realizada pode fornecer subsídios teóricos para uma futura

discussão sobre metodologias de ensino de literatura, que deve ir além de um ensino de escolas literárias e de história da literatura de forma descontextualizada, mas levando em consideração a materialidade do texto e as possíveis construções de significado de forma crítica.

Entendendo a importância que o ensino de literatura exerce atualmente e a relevância do texto de José Saramago em um contexto pedagógico, ao ampliar os horizontes de leitura dos alunos para autores com nacionalidades e gêneros diversos, vejo a necessidade desse estudo para a criação de uma consciência crítica em relação a essas obras, o que é uma das competências a serem desenvolvidas pelos alunos e uma forma de emancipação social. Este trabalho pode contribuir não só para uma análise do discurso literário, mas também para o ensino crítico de literatura.

É preciso apontar, contudo, que este estudo se encontra incompleto. Um olhar mais atento e crítico para a própria pesquisa me sugere que uma contribuição relevante para a sala de aula precisa ser feita de dentro dela. Professores e alunos são aprendizes, sujeitos autônomos e reflexivos de sua prática, portanto podem e devem ser pesquisadores de seu próprio processo de ensino-aprendizagem. Esse processo é contextualizado, o que significa que cada sala de aula é uma prática social e que devemos olhar para as idiossincrasias, para as individualidades de cada turma e de cada aluno. Deixo essas lacunas para estudos posteriores que poderão levar essa contribuição para seus contextos de ensino-aprendizagem, com as ressalvas e adequações necessárias.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, F. G. (Org.) **As palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

BARTHES, R. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. 1966.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinbourg: Edinbourg University Press, 1999.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. (2ªed.) São Paulo: Contexto, 2014.

DALVI, M. A. Ensino de Literatura: algumas contribuições. In: UYENO, E. Y.; PUZZO, M. B.; RENDA, V. L.B. da S. (Org.). **Linguística Aplicada, Linguística e Literatura: intersecções profícuas**. 1ed.Campinas: Pontes, 2012, v. 1, p. 15-43.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. (2ª ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2006.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

_____. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

_____. **Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica**. Trad. MELO, Iran Ferreira de. Linha D'Água, São Paulo. v. 25, n. 2, p. 307 -329. [2005] 2012.

FERRAZ, S. **As faces de Deus na obra de um ateu**. (2ª ed.). Blumenau: EDIFURB, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. (2ª ed.). London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. **An Introduction to Functional Grammar**. (3ª ed.). Londres: Hodder Arnold, 2004.

KRAUSE, G. B. **Conversas com um professor de literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MEURER, J.L. Gêneros textuais na Análise Crítica de Fairclough. In: MEURER, J.L. et al. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 81-106.

_____; BALOCCO, A. E. **A Linguística Sistemico-Funcional no Brasil: interfaces, agenda e desafios**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2009, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2009. v. 1.

PINTO, Madalena Vaz. **A escrita "Sob-controle"**: considerações sobre o narrador em José Saramago. O Marrare (Online) (Rio de Janeiro), v. 11, p. 58-64, 2010.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; _____. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas – SP: Pontes, 2011.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de.; JOVER FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. P. 99-112.

SARAMAGO, J. **Caim**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

SALGADO, O. F. A. **As representações de Deus em Caim, de José Saramago: um estudo sistêmico-funcional**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – UERJ.

SHEPHERD, T. **O estatuto da Linguística de Corpus: metodologia ou área da Linguística?** Revista Matraca, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p.150-172, 2009.

SCOTT, M. **Wordsmith Tools Version 3**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

ZILBERMAN, R. Porque a leitura da literatura na escola. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de; CARVALHO, A. M. (Org.). **Linguística aplicada e ensino: língua e literatura**. 1ed. Campinas: Pontes, 2013, v. 1, p. 209-230.

Odete Firmino Alhadass SALGADO

Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014) e graduada em Letras (Português/Latim) pela mesma instituição (2011). Atualmente, cursa doutorado em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com bolsa de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui experiência na área de produção de material didático e tecnologias educacionais e atuou como Professora Substituta do Instituto de Letras da UERJ. É membro dos grupos de pesquisa Análise Sistêmico-funcional e Avaliatividade no Discurso (ASFAD) e Análise Literária e Sistêmico Funcional (ALESF). Sua pesquisa se insere no âmbito da Linguística Aplicada com o embasamento teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, trabalhando em interface com os estudos literários.

Recebido em abril/2017 - Aceito em janeiro/2018